

PROJETO ERA UMA VEZ: PROMOVEDO A EDUCAÇÃO E HUMANIZANDO O ATENDIMENTO DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Mariana Pereira Sousa-

Graduanda de Licenciatura em Pedagogia na UFPI e Bolsita do PET-Pedagogia

E-mail: mariana-20a@hotmail.com

Ana Rafaela do nascimento-

Graduanda de Licenciatura em Pedagogia na UFPI e Bolsita do PET-Pedagogia

Hilda Mara Lopes Araújo-

Prof^ª.Dr^ª da UFPI e Tutora do Programa PET-Pedagogia da UFPI

Resumo

O referido estudo trata de experiências vivenciadas no Hospital São Marcos com crianças portadoras de câncer, e demonstra que a contação de história proporciona a estas, aos acompanhantes e funcionários da equipe hospitalar acesso a momentos lúdicos capazes de variar a rotina do ambiente e, principalmente, propiciar um espaço de humanização e educação de seres humanos em situação de vulnerabilidade. No percurso metodológico, fizemos estudos bibliográficos acerca da Literatura Infantil e da Contação de História (CONDE, 2010; MAINARDES, 2012; ABROMOVICH 2004), bem como estudos sobre a Pedagogia Hospitalar para compreendermos o trabalho deste profissional no ambiente hospitalar. Constata-se que embora um hospital não seja um local de divertimento pode se configurar em um espaço no qual as crianças possam interessar-se pela leitura e conhecimento proporcionado por um livro, tornando este ambiente mais agradável e próximo da sua realidade como criança, favorecendo a evolução do seu quadro clínico.

Palavras-chave: Contação de História. Ambiente Hospitalar. Humanização. Educação.

Introdução

O referido estudo trata de experiências vivenciadas no Hospital São Marcos com crianças portadoras de câncer e demonstra que a contação de história proporciona a estas, aos acompanhantes e funcionários da equipe hospitalar acesso a momentos lúdicos capazes de diferenciar a rotina do ambiente e, principalmente, propiciar um espaço de humanização e educação de seres humanos em situação de vulnerabilidade. Partimos do pressuposto de que contar histórias contribui para transformar o ambiente hospitalar, visto como “lugar de doença”, num ambiente alegre e favorecedor da aprendizagem, estimulando a leitura, na medida em que possibilita o acesso às histórias infantis e aos livros por meio da interação

com os contadores de história. Dentro desse contexto o hospital passa a ser um possível lugar de atuação do pedagogo contemporâneo, cabendo a este buscar alternativas que possibilitem a continuação do desenvolvimento cognitivo e social das crianças que estão fora do ambiente escolar.

Essa pesquisa desenvolveu-se por meio de oficinas nas quais foi possível vivenciar experiências formativas favoráveis à compreensão e ao valor da literatura infantil em ambientes hospitalares. Foram discutidas nas oficinas, temáticas voltadas à origem, conceitos e características da literatura infantil (CONDE, 2010); estratégias para formação de leitores (MAINARDES, 2012); e contação em ambientes hospitalares (LOPES, 2012). Trabalharam-se técnicas teatrais para contação de histórias, além de elementos necessários para contá-las (entonação da voz, expressão corporal, utilização de recursos e interação com o público).

Estudos bibliográficos sobre a Pedagogia Hospitalar também foram necessários para compreendermos o trabalho deste profissional no ambiente hospitalar. Para esse fim, tomamos como referência os autores, Verdi (2010), Fonseca (2003), Matos e Muggiat (2009) além da Resolução nº 1, de 15 de maio de 2006, que trata sobre o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura; a Resolução nº41, de 13/10/1995, que aborda sobre os Direitos das Crianças e Adolescentes Hospitalizados e dão suporte a este trabalho.

1 A literatura infantil: entre o real e o imaginário

Para Conde (2010) a literatura infantil é a confusão entre o real e o imaginário. Porém é no imaginário que a criança encontra formas de organizar o seu mundo interior. Assim, a literatura infantil é marcada por traços que ultrapassam o explicável partindo para o meta-empírico (CONDE, 2010), ou seja, por meio dela é possível “viajar sem sair do lugar”, criando-se uma viagem imagética e lúdica na qual o ouvinte/ leitor embarca.

Nesse mesma direção, Mainardes (2012) considera que a literatura desperta o imaginário, encanta e deleita o espírito. Para essa autora é por meio da contação de histórias que a criança se prepara para vivenciar com mais segurança suas próprias dificuldades e encontrar um caminho para solucionar seus problemas, reconhecer e interpretar suas experiências cotidianas. Abramovich (2004) expressa, por sua vez que:

[...] é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra época, outra ótica... É

ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 2004, p.17).

Conforme entrevisto acima, a contação de história proporciona contato com diferentes povos, culturas, espaços, permitindo uma visão de mundo ampliada e diversificada. Emerge, nesse contexto, o contador de histórias que provoca o ouvinte para que com ele vivencie emoções. É relevante enfatizar, também, que a leitura proporciona uma postura crítico-reflexiva fundamental na formação cognitiva das crianças.

Contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, onde o enredo e os personagens ganham vida, transformando narrador e ouvinte. Deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura do mundo na trajetória de cada um. A contação de histórias é um ato de amor, inspiração para a arte do criar, tendo relevância por ser a primeira forma de leitura realizada pelo ser humano, surgindo assim à relação com a leitura e os livros. Abramovich (1989, p.17) afirma que:

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve-com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos imaginários.

Percebe-se a necessidade de que professor faça com que o livro esteja ligado no cotidiano da criança, sendo que para as crianças construírem esse gosto pela leitura, este gosto tem que partir primeiramente do adulto (professor), precisa gostar de ler, ler com alegria, diversão e brincar com o texto, propiciando assim a formação de um futuro leitor crítico.

A contação de história proporciona o exercício da imaginação, pois durante a narração através da utilização de recursos verbais, não verbais, livros, fantoches e outros instrumentos que atraem a atenção da criança para a leitura, facilitando esta tanto a compreender melhor o texto, como também a entrar no mundo mágico através da imaginação. Recebendo também influência no desenvolvimento físico-motor, por meio dos gestos do corpo, entonação da voz do contador. Ouvir histórias desperta a criatividade, os sentimentos, a identificação com os sentimentos, relaxa e o mais importante, faz sonhar,

pois “O conto não é privilégio de conta, mas de quem ouve. O conto nada mais é que um sonho falado” (MATOS & MUGIATTI, 2006, p. 140).

Para Dohme (2010) as histórias são excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar e vários motivos existem para isso. Existem contos que falam de muitos temas como: medo, amor, dificuldades, carências e de muitas outras coisas. As histórias, assim, são úteis na transmissão de valores por que dão razão de ser aos comportamentos humanos. Tratam de questões abstratas, difíceis de serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto.

Sobre o pedagogo-contador de histórias Verdi (2010) assinala que este, por suas características próprias e subjetivas, tem na literatura infantil uma fonte geradora da maioria de seus objetivos pré- estabelecidos, pois com contação de histórias, o profissional consegue descobrir muitos sentimentos e dúvidas que a criança apresenta, sendo esta sua meta inicial. Ainda segundo esta autora, o pedagogo hospitalar contador de histórias tem como único foco: a criança, a família, a humanização hospitalar. Diante do exposto podemos perceber a importância da atuação pedagógica no contexto hospitalar, sendo necessário refletirmos sobre as seguintes afirmações,

Medicina e Pedagogia são muito diferentes por suas finalidades, no entanto ambas servem ao núcleo central de um mesmo trabalho: a atuação e cuidado com o paciente, apesar de suas diferenças e precisamente por elas, coincidem e se completam (VERDI IN: SIMANCAS & LORENTE, 1990, P. 79).

2 A criança hospitalizada

Ser acometido por uma doença é um processo natural e inevitável, que faz parte da vida de todos os seres vivos. Algumas doenças levam à hospitalização, à qual se faz necessário para que a doença seja devidamente observada e tratada.

A doença e a hospitalização desenvolvem nos enfermos sentimentos de insegurança, medo da morte, aflição, entre outras emoções negativas, nesse sentido o ambiente hospitalar acentua esses sentimentos, por suas próprias características e pelo próprio padrão hospitalar que não valoriza os aspectos relacionados os sentimentos, não percebendo que os hospitalizados são mais que corpos doentes.

A criança ou adolescente hospitalizado, assim como quaisquer outros, apresenta o desenvolvimento que lhe é possível de acordo com a diversidade de fatores com os quais

interage, neste caso, convive com as limitações clínicas decorrentes da sua enfermidade, bem como da própria internação. Dessa forma a hospitalização não deve ser vista como fator incapacitante, podendo ser buscadas formas que expressem e permitam o uso do potencial destes indivíduos.

O paciente enfrenta uma situação de isolamento temporário, um distanciamento da sua realidade escolar e social, na qual ela estava inserida. Cada criança ou adolescente em condição hospitalar necessita de cuidados e atenção especial, conforme as especificidades da sua patologia ou acidente. Com relação a essa condição, Chiattonne (2003) apresenta alguns cuidados especiais com o paciente:

- ✓ REPOUSO NO LEITO: Algumas situações impõem o repouso no leito (com uso de aparelho de controle vital, pós-operatório imediato, cirurgia ortopédica etc.);

- ✓ MOVIMENTOS LIMITADOS: Podem ser causados pela evolução da doença (...) ou pelo tratamento imposto e a criança mostra uma queda em seu estado geral apresentando depressão e dificuldade de superar-se;

- ✓ ISOLAMENTO: Isolar uma criança em uma enfermaria significa proteger o paciente em si e dos outros pacientes internados, ter o mínimo de contato com o mundo externo. (Chiattonne, 2003, p. 75-77).

Nesse ambiente o contador de histórias proporciona momentos de descontração, alegria e diversão e através de sua performance permite um distanciamento do ouvinte da realidade hospitalar, subversão do espaço e tempo mas, para que isso aconteça, o contador deve ser conhecedor das especificidades, como as citadas acima, de seus ouvintes. Para desenvolver um trabalho com qualidade “ingredientes” como a sensibilidade, força de vontade, compreensão, paciência e criatividade, tornam-se indispensáveis para alcançar seus objetivos.

3 Contando histórias no hospital São Marcos

Devido à carência de projetos e atividades que contribuam para a qualidade de vida das crianças hospitalizadas é importante a inserção de práticas educativas no cotidiano das crianças ou adolescente que se encontram enfermos, valorizando o brincar, o pensamento lógico e o raciocínio. Deste modo, essas atividades podem ser benéficas à vida da criança e, fundamentalmente, para seu crescimento e desenvolvimento, pois o conhecimento, o brincar, surge como uma possibilidade que a criança tem de compreender

o momento pelo qual está passando e também sair um pouco de uma realidade tão triste que é a enfermidade.

Diante de tal situação surgiu o projeto “Era uma vez: A contação de histórias em ambientes escolares e não escolares”, criado pelo Programa de Educação Tutorial-PET/Pedagogia/UFPI, o qual procura por meio da contação de história, desenvolver o interesse de crianças pela leitura, fazendo uso de experiências criativas, interativas e práticas, incentivando a linguagem oral e estimulando a afetividade na formação de um Ser mais humanizado.

Com isso, grupo Pet Pedagogia – UFPI propôs que se levasse a arte de contar histórias para ambientes escolares e não escolares, a fim de despertar o interesse de crianças pela leitura. O projeto desperta a alegria, a imaginação, possibilita o desenvolvimento comunicativo expressivo, para quem conta e quem escuta a estória, pois uma das finalidades da contação de história é a recontagem, incentivo à criatividade e ao hábito da leitura.

Outro ponto levado em consideração para elaboração do projeto pelo grupo Pet Pedagogia – UFPI é a formação do pedagogo para atuar em espaços não escolares, pois de acordo com o Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, será de competência da instituição, referente ao domínio do conhecimento pedagógico a ser desenvolvido durante a formação do pedagogo, este saber: “utilizar modos diferentes e flexíveis de organização do tempo, do espaço e de agrupamento dos alunos, para favorecer e enriquecer seu processo de desenvolvimento e aprendizagem” (PPP, 2009). Prevê ainda, o PPP que “a formação do Pedagogo como o profissional capacitado para atuar em diferentes situações educativas, seja na escola, fora dela, na docência ou na área técnica, com condições de intervir de forma competente, onde haja atividade educativa”.

O referido projeto contribui para a formação do pedagogo uma vez que permite atuação em ambiente não escolar, atuando em consonância com o projeto político pedagógico da referida instituição, no qual os bolsistas executores atuam de forma significativa no processo de sua formação acadêmica.

A contação de histórias no ambiente hospitalar contribui muito para a diminuição do sofrimento da internação das crianças, melhorando a qualidade da internação, tornando o ambiente mais agradável e proporcionando as crianças uma evolução no quadro médico (cura mais rápida). Além dos remédios e procedimentos habituais para tratamento da

doença e controle da dor, o trabalho voluntário colabora no processo de humanização hospitalar.

No que concerne à prática da contação da história realizamos visitas prévias ao Hospital São Marcos, localizado na cidade de Teresina-PI, onde funciona a Rede Feminina Estadual de Combate ao Câncer no Piauí, que é uma associação filantrópica que tem por finalidade a luta social no combate ao câncer, prestando serviços gratuitos e permanentes com a colaboração de voluntárias que trabalham para o bem-estar do doente carente oncológico em tratamento no Piauí. As visitas tinham como objetivo conhecer o público alvo, no caso, as crianças atendidas por essa associação assim como escolher a melhor estratégia para a realização da contação.

Após a escolha da história acontecia o momento de adequação da linguagem ao público e os ensaios, já que a estratégia utilizada era a dramatização, por permitir maior interação com público. Além da contação de histórias também se realizavam atividades pedagógicas de interpretação e recontação da história, bem como atividades de pintura, desenho e de corte e colagem, que proporcionavam às crianças o desenvolvimento de suas capacidades de interpretação, linguagem, estimulando a imaginação e a coordenação motora.

Quanto a reação das crianças podemos perceber que a contação de história proporcionou a elas momentos de alegria e descontração, levando as mesmas a esquecer, mesmo que poucas horas, que estavam internadas, e a voltar a serem crianças, viajando através da imaginação a lugares encantados proporcionado pelas histórias.

A interação com os contadores, a identificação das crianças com os personagens foram marcantes nesta experiência de contação de história, onde a vovozinha da história Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, traz lembranças dos próprios parentes distantes, e um laço de amor é criado, quase que instantaneamente, entre personagem e paciente.

O trabalho realizado com essas crianças nos mostra como devemos lutar pela humanização do atendimento, o quanto devemos proteger as crianças, ainda mais frágeis quando hospitalizadas, de um atendimento simplesmente técnico, impessoal e alguns casos agressivos.

Considerações finais

Contar histórias para crianças hospitalizadas implica mudanças de hábitos e um olhar diferente sobre essas elas, por se tratar de um ser humano merecedor de qualidade de

vida e não uma patologia que amedronta. Enfatizamos que, embora se encontrem em situação de fragilidade e impossibilitadas de realizar atividades como: correr, brincar e pular, as crianças não estão impedidas de percorrer o mundo imagético das histórias e poesias. Constata-se, também, que, um hospital, embora não seja um local de divertimento pode se configurar em espaço no qual as crianças possam se interessar pela leitura e conhecimento proporcionado por um livro, podendo tornar-se cidadãos e leitores fluentes.

Ao propor a ludicidade da contação de histórias, almeja-se a participação das crianças, que aprendem brincando e, desta forma, estimulam a imaginação e a concentração, tornando o ambiente hospitalar mais agradável e próximo da sua realidade como criança, favorecendo a evolução do seu quadro clínico.

Referências

- ABROMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.
- BRASIL, Ministério da Justiça. **Conselho Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura**. Resolução nº 1 de 15 de maio de 2006.
- BRASIL, Ministério da Justiça. **Direitos da criança e do adolescente hospitalizados**. Resolução nº41, de 13/10/1995. Brasília: Imprensa Oficial. 1995.
- BRASIL, Ministério da Justiça. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei federal 8.069 de 13 de julho de 1990.
- BRASIL, Ministério da Justiça. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001.
- BRASIL, Ministério da Justiça. **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Especial. Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar. Brasília, DF, 2002.
- CONDE, Érica Pires. **(Re) Descobrimo a literatura infantil em sala de aula**. Minas Gerais: Virtualbooks, 2010.
- FONSECA, E. S. da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.
- LOPES, Fabiane Santos da Rosa Moreira. **Contação de história em ambiente hospitalar: uma relação performática**. Disponível na página: www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15674. Acessado em: 04 de setembro de 2012
- MAINARDES, Rita de Cássia Milléo. **A arte de contar história: Uma estratégia para a formação de leitores**. Disponível na página: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf. Acessado em: 04 de setembro de 2012.
- VERDI, C. **A importância da literatura infantil no hospital**. In: MATOS, E.L.M. **Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

